

CIÊNCIA, MÉTODO E CONCEITUALIZAÇÃO NA FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE HEIRICH RICKERT (1899-1905)¹

Daniel Precioso (Doutor em História-UFF)

daniel.precioso@gmail.com

Petrus Ferreira Ricetto (Graduado em História-UFOP)

Resumo

Este estudo propõe uma análise do pensamento do filósofo alemão Heinrich Rickert (1863-1936) acerca da fundamentação lógica das ciências históricas ou culturais. Com base em dois livros publicados pelo filósofo em 1899 e 1905, enfocaremos as discussões realizadas em torno das suas reflexões sobre o método histórico, a conceituação em uma ciência individualizante e a valoração dos objetos históricos.

Palavras-chave: Heinrich Rickert, filosofia da história, axiologia, método, ciência.

Abstract

This study proposes an analysis of the German philosopher's Heinrich Rickert (1863-1936) thought about the bases of the historical or cultural sciences. Based on two books published by the philosopher in 1899 and 1905, the discussions will focus around their reflections on the historical method, the concept in an individualizing science and valuation of historical objects.

Keywords: Heinrich Rickert, philosophy of the history, axiology, method, science.

¹ Artigo recebido: 22.11.2014. Artigo aprovado: 30.09.2015.

Introdução

O filósofo alemão Heinrich Rickert (1863-1936) foi um dos principais expoentes do neokantismo, na virada do século XIX para o XX. Ao lado de seu mestre Wilhelm Windelband (1848-1915), liderou a chamada Escola de Baden. Lecionou filosofia nas universidades de Freiburg (1894-1915) e Heidelberg (1915-1932) e, em tempos de “crise” nas ciências, desenvolveu importantes reflexões epistemológicas, buscando uma fundamentação lógica para as ciências culturais ou históricas. Embora a sua obra tenha influenciado grandes pensadores da época – entre os quais, Max Weber, Ernst Troeltsch e Martin Heidegger –, Rickert caiu no esquecimento.²

O presente estudo tem por objetivo estabelecer um diálogo crítico com certos aspectos do pensamento de Heinrich Rickert acerca da fundamentação axiológica das ciências históricas. Para tanto, analisaremos as obras *Ciencia natural y ciencia cultural* (1899) e *Introduccion a los problemas de la filosofia de la historia* (1905). *A priori*, localizaremos as obras de Rickert no contexto das discussões filosóficas sobre a fundamentação científica da disciplina histórica e levantaremos algumas controvérsias suscitadas por uma leitura tópica de seus escritos; posteriormente, buscaremos problematizar aspectos aparentemente paradoxais, verticalizando o debate através da elucidação de termos como “valores”, “conceitos”, “cultura” e “ciência”, recorrentes no debate filosófico empreendido pelo autor e que, caso não sejam rejeitados como monismos,³ podem acarretar em uma má interpretação da obra rickertiana.

Os problemas da fundamentação das ciências culturais em Rickert

A partir de fins do século XVIII, uma das discussões mais fecundas da filosofia da história foi a da fundamentação da História enquanto ciência. Esse debate foi ensejado na *Crítica da razão pura* de Kant, porém, a obra do filósofo estava praticamente dominada pelo interesse pela matemática e pelas ciências naturais, o que significou medir a cientificidade da História através do prisma naturalista.

Foi somente em fins do século XIX, quando houve a primeira grande “crise” da ciência histórica, que a fundamentação do conhecimento histórico se colocou no centro

² Para uma acurada discussão do contexto intelectual e das reflexões acerca da fundamentação das ciências históricas em Heinrich Rickert, Cf. MATA, 2006.

³ Ou seja, que podem ser reduzidos à unidade, do ponto de vista das leis lógicas.

das discussões da filosofia da história. Concebendo os processos de interpretação como a base das ciências do espírito, Wilhelm Dilthey (1833-1911) desferiu um ataque ao dogmatismo naturalista, tendo por base a delimitação dos objetos de estudo dos diferentes grupos de ciências – naturais e do espírito.

Entretanto, se diferentes pensadores concordavam em rechaçar o dogmatismo naturalista, discordavam quanto ao que seria o ponto fundamental da distinção entre as ciências. Dilthey, Wundt, Münsterberg e outros tomavam como ponto fundamental de distinção o critério de classificação dos objetos de estudo que cada grupo de ciência se ocupava. Em contrapartida, autores como Windelband e Rickert deslocavam o foco das preocupações para o âmbito da compreensão lógica do conhecimento histórico. Como Rickert observou na sua *Introdução aos problemas da filosofia da história* (1905), “los problemas lógicos fueron atacados por primera vez, desde el punto de vista filosófico, por Harms, Naville, Simmel, y en especial Windelband” (RICKERT, 1961, p. 23). Assim, enquanto para Dilthey o que distinguia as ciências do espírito das ciências naturais eram os seus objetos particulares, para os filósofos neokantianos – Windelband, Rickert, Weber, dentre outros – o problema da lógica consistia na questão central.

Em *História e ciência da natureza* (1893), Windelband enfatizou o aspecto formal dos diferentes grupos de ciências, classificando-as em nomológicas e idiográficas, ou seja, as que têm por fim a busca de leis (ou generalizações perfeitas) e as que buscam a singularidade, o inefável. Nesta obra, Windelband põe em causa a importância da psicologia no trato das ciências do espírito, tal como concebida por Dilthey. Para o autor, embora a psicologia trate de fenômenos espirituais – portanto, singulares –, tem seu estatuto calcado nas ciências naturais, buscando atingir tipos, generalizações, leis.

Heinrich Rickert, pupilo de Windelband, desenvolveu o pensamento de seu mestre. No prólogo de seu livro de 1905, Rickert relata que

Apunté las ideas contenidas en este libro hace más de veinte años por sugerencia de Guillermo Windelband, poco después de completar mi obra sobre los límites de la conceptualización en las ciencias naturales (1896-1902). Windelband me pedía un “programa geral” de la filosofía de la historia que respondiese a mi introducción lógica a las ciencias históricas (RICKERT, 1961, p. 11).

Tomando como referência lapidar Windelband, Rickert lança a fundamentação da ciência histórica ou cultural no cerne da distinção entre as ciências empíricas, ao passo que “no es posible dividir fundamentalmente las ciencias empíricas mediante la

distinción entre natureza e espírito” (RICKERT, 1961, p. 28). Propôs, então, a divisão e classificação das ciências empíricas entre naturais e “da cultura”.

Enquanto a “natureza” é entendida como o conjunto do nascido por si e entregue ao seu próprio crescimento, a “cultura” se apresenta como tudo aquilo que, objetivado pelo homem, possui valor. Para Rickert, as ciências culturais também podem ser chamadas de ciências históricas, já que a História é, antes de tudo, uma ciência da cultura humana, sendo seu objeto os fenômenos investidos de valor, de significado, e, portanto, singulares. Como a ciência histórica possui um objeto singular e busca reconstituir individualidades, torna-se necessário um método que não suprima sua especificidade.

Partindo da incompatibilidade entre método histórico e método naturalista, Rickert se debruça sobre a pesquisa histórica e suas características particulares. O problema rumo para a questão da fundamentação metodológica da ciência histórica, uma vez que Rickert entende que o trabalho científico opera através de conceitos. No entanto, devido à singularidade objetivada no esforço de apreensão da vida cultural, o conceito é o meio lógico pelo qual opera a exposição histórica – ao passo que, nas ciências naturais, constitui o fim do trabalho científico. Neste sentido, Rickert busca fundamentar axiologicamente o conhecimento histórico, pois julga que apenas por meio dos valores torna-se possível selecionar o essencial no “rio caudaloso de la realidad”. Multifacetada e parcialmente cognoscível – isto é, não passível de ser abarcada em sua totalidade –, a realidade deve ser simplificada para se tornar apreensível.

Nesta sumária incursão sobre o esforço empreendido por Rickert para fundamentar o conhecimento histórico, a qual se ateve na superfície de suas indagações, nos deparamos com alguns postulados aparentemente paradoxais. As palavras de Teodoro Litt em seu livro *Conocimiento y vida* (1923) são ilustrativas a tal respeito:

Digamos de paso que Rickert ya se ha obstruído lógicamente también aquí su camino hacia la correcta interpretación, dado que para él los conceptos de valor son, lo mismo que los teóricoestructurales, resultados de la abstracción generalizadora (LITT apud RICKERT, 1961, p. 12).

Lançamos, então, as seguintes questões: se a História é uma ciência individualizadora, o trabalho com conceitos não implicaria em generalizações? Se os valores constituem os princípios lógicos de seleção do essencial na realidade, como o historiador pode manter a imparcialidade no seu relato? Como conciliar a singularidade

dos fatos históricos com o estabelecimento de nexos causais? Se o trabalho da história enquanto ciência busca restabelecer a singularidade dos eventos, como dar contornos objetivos ao conhecimento histórico? Como pensar em uma universalidade dos conceitos científicos na ciência histórica se esta visa uma compreensão singular da realidade?

Estas são algumas indagações que podem ser suscitadas por uma leitura superficial das obras rickertianas. Doravante, procuraremos problematizar e esclarecer alguns desses aspectos supostamente contraditórios.

O método individualizante e os conceitos nas ciências históricas ou culturais

Heinrich Rickert divide as ciências em naturais e históricas (ou culturais). Na sua visão, o que torna peculiar o objeto de estudo das ciências históricas é o fato dele ser dotado de significação, pleno de sentido – ao contrário do objeto das ciências naturais, que se desenvolve livre de significado e sentido. Constatamos, portanto, que cabe ao historiador *compreender* o material histórico, classificado por Rickert como a realidade psicofísica significativa e plena de sentido. Deste modo, o filósofo compreende os atos psíquicos de compreensão como partes constitutivas do mundo dos sentidos.

Uma vez assinalada a distinção entre material histórico e material das ciências naturais, o filósofo alemão constata que

como la ciencia historica se ocupa de un objeto que no puede ser considerado como perteneciendo a la naturaleza (...) debemos suponer que también investigarán sus objetos de manera diferente al de las ciencias de la naturaleza, es decir, que tienen su método propio (RICKERT, 1961, p. 30).

O método consiste, portanto, para Rickert, a pedra angular da divisão entre os dois grupos de ciências – naturais e históricas ou culturais. O autor afirma que só podemos esclarecer plenamente o caráter lógico⁴ do método histórico se prescindirmos de uma vez por todas das diferenças de conteúdo dos objetos, pois, se eles determinam o método (definido como as formas que são usadas pela ciência na elaboração de seu material), não contêm neles mesmos sua essência.

⁴ Devemos lembrar que Rickert propõe uma fundamentação *axiológica* do conhecimento histórico, sendo a lógica o ponto de partida para as investigações das ciências culturais acerca da sua particularidade formal ou dos métodos.

Reiteradamente afirmando sua perspectiva historicista⁵ dos fatos históricos – singulares, inefáveis – Rickert acaba por definir o método histórico como individualizador. Concebendo as ciências culturais como individualizantes, na medida em que tratam das estruturas de sentido individuais e concretas, o filósofo também propõe um método individualizador para a análise do material histórico – por ele definido como a vida cultural humana.

Inferindo que o conceito de psíquico, tal como formulado na Psicologia, não se presta à caracterização do material histórico, Rickert afirma que o material histórico, ou seja, as realidades plenas de sentido, “exigen una representación individualizadora referente a valores” (RICKERT, 1961, p. 82).

Rickert é enfático na defender da necessidade de “considerar lo individual siempre dentro de lo ‘general’” (RICKERT, 1961, p. 56). Em outros termos, devemos sempre buscar o nexo causal, as conexões históricas. Por essa via, Rickert acredita promover a superação do historicismo enquanto cosmovisão, ressaltando que o método individualizador não tem por fim a justaposição de fatos isolados – nesse aspecto, a ciência histórica aproxima-se das ciências generalizadoras, pois em ambas, tudo tem de ser compreendido numa conexão. Portanto, também as ciências históricas devem pressupor que cada um de seus objetos é o efeito de acontecimentos que o precederam, devendo perseguir também o conceito de causa e efeito, pois sua carência não tem por certo nenhum sentido para uma ciência empírica.

A relação entre método individualizador e conexão histórica, segundo Rickert, acarretou leituras equivocadas de seu pensamento. O filósofo se refere especificamente à opinião de que também a ciência histórica procede de forma generalizadora.

De acordo com o filósofo alemão, a utilização de conceitos gerais – tais como os de Estado, Religião, etc. – é relevante à etapa preliminar da ciência histórica, embora não consista no seu fim, tal como nas ciências naturais. Rejeitando a concepção monista de conceito, Rickert acredita que a formação de conceitos nas ciências históricas difere das

⁵ Outro aspecto aparentemente paradoxal em Rickert se refere a sua posição em relação ao historicismo. Por um lado, o filósofo refuta o historicismo como visão de mundo (o que nos leva a um relativismo, ao niilismo), mas, por outro, argumenta no sentido de que a história é uma ciência individualizante. Como cosmovisão, afirma Rickert, o historicismo faz da carência de princípios o seu princípio, devendo por isso ser rechaçado tanto pela filosofia da história quanto pela filosofia em geral.

demais ciências, não tendo por fim o estabelecimento de leis⁶, mas sim sua inscrição numa “realidade dinâmica” – passível de reformulação, na medida em que há novas descobertas. Dessa forma, o filósofo postula que “el método generalizador no constituye sino un camino indirecto hacia una representación individualizadora” (RICKERT, 1961, p. 61), ou seja, constitui o ponto de partida da pesquisa histórica que, a partir dos conceitos gerais, busca restabelecer a singularidade dos eventos, suas causas e efeitos individuais, não repetíveis.

Rickert reitera, ainda, sua máxima de que a história pode prescindir de métodos ou conceitos generalizantes com fins de afirmar seu caráter científico, mas que, se faz uso destes, o faz com o intuito de reconstituir singularidades – já que como todo o real é individual e impossível de abarcar totalmente, a concepção individualizadora do método histórico deve proceder sempre através de simplificações da realidade em sua representação – o que se torna exequível por intermédio dos conceitos.

A referência a valores nas ciências históricas e a busca de objetividade

Ao definir a realidade como um “rio caudaloso”, Rickert julga imperativo à análise histórica o recorte de seus elementos, de modo a tornar cognoscível o aparentemente “irracional”. Conclama, assim, os historiadores a se guiarem por um princípio que informe essa seleção do material complexo da realidade, ou seja, a eleger o que opera como essencial na realidade histórica (individual e complexa em sua amplitude infindável). O princípio de seleção do conteúdo dos objetos que o historiador toma para análise consiste na relação entre estes e nossas valorações, isto é, o princípio de seleção do essencial na realidade deve ser subsidiado por referências a valores.

Enquanto nas ciências naturais

el método generalizador libera sus *objetos* de conexiones con valores, a fin de poder analizarlos como ejemplares específicos de conceptos generales, de los cuales cada ejemplar puede ser reemplazado por cualquier outro (RICKERT, 1961, p. 68),

nas ciências históricas ou culturais, a escolha do conteúdo dos objetos analisados está conectada aos valores.

⁶ Rickert afirma que os conceitos de desenvolvimento histórico e de lei se excluem mutuamente. Observamos nesta passagem do filósofo alemão uma refutação veemente do positivismo, ou seja, da busca por leis (generalizações perfeitas) nas ciências históricas ou culturais.

Colocadas estas palavras, surge, então, o seguinte questionamento: o fato de os valores ocuparem um papel importante nas ciências históricas, consistindo em princípios de conceituação, não parece contradizer a essência destas ciências?

Segundo Rickert,

con todo derecho se le exige precisamente al historiador que represente las cosas lo más “objetivamente” posible, y aunque ese objetivo no sea alcanzado completamente por ninguno de ellos, no deja de ser sin embargo un ideal lógico (RICKERT, 1961, p. 68).

O filósofo reafirma, portanto, o ideal lógico de busca da objetividade, ainda que reconheça que a completa objetividade seja um ideal inatingível. Persistem ainda algumas indagações: como conciliar o ideal de objetividade com a afirmação de que as conexões dos objetos das ciências históricas devem ser feitas com referências a valores, entendidos como a essência do método histórico? Não é plausível que toda ciência, para ser entendida enquanto tal, deva abrir mão de valorações de toda espécie?

Para responder essas questões, abriremos um breve parêntese em nossa linha de argumentação para definir o que Rickert chamou de “referência a valores nas ciências históricas”.

Recorremos aqui às palavras do filósofo: “En síntesis, debemos distinguir con toda exactitud la *valoración práctica* de la *referencia teórica a valores*, entonces desaparecerán todos los inconvenientes” (RICKERT, 1961, p. 69). Segundo Rickert, a representação histórica lança mão das conexões com valores apenas na medida em que o objeto, que se quer apreender de uma forma individualizadora, seja dotado de um significado geral. Logo, a História referencia seus objetos a valores que valem como tais para todos, que são consensualmente compreendidos por todos como valores – a guisa de exemplo, podemos citar os valores gerais de Estado, de arte, de religião, etc.

Da valoração teórica devemos distinguir a valoração prática, entendendo pela última a enunciação de algo acerca do qual se possui um valor negativo ou positivo, fruto de juízo de valor – ou seja, de tomada de posição, contrariamente ou favoravelmente ao objeto que se toma para análise. A valoração prática não interessa ao historiador, bem como não interessa à ciência em geral, assinala Rickert.

O caráter geral de valores “universalmente aceitos” – como, por exemplo, o de Estado –, que constituem o princípio de seleção ao qual deve recorrer o historiador para “recortar” a realidade que se quer apreender, leva a uma controvérsia: a generalidade

dos valores não acarreta numa metodologia também generalizadora (ao passo que o historiador simplifica a realidade)?

Rickert acredita que os valores gerais sejam ao mesmo tempo conceitos gerais, porém ressalta que não cabe à história a formulação de conceitos gerais de valor, visto que estes já estão prontos de antemão, são consensualmente partilhados. Também é tarefa estranha ao ofício do historiador a sistematização destes conceitos gerais de valor – o que seria trabalho de ciências generalizadoras, e não individualizadoras, como é o caso das ciências históricas ou culturais.

Concluindo sua linha de raciocínio com a máxima de que a concepção do conceito histórico é “el producto de una elaboración teórica, referida a valores, individualizadora, de la realidad” (RICKERT, 1961, p. 76), Rickert rechaça a crítica de que a referência a valores como princípio essencial de recorte do objeto de estudo do historiador recai numa valoração (prática) do mesmo. Desse modo, o filósofo reafirma a estrutura lógica da ciência histórica, particularmente a da essência do método individualizador referente a valores (teóricos).

A valoração teórica e a vicissitude dos conceitos universais

Ao fundamentar o método histórico de pesquisa sob a conceituação e a valoração, Rickert acaba por problematizar a própria cientificidade da História no sentido em que, na medida em que os valores determinam o essencial para a pesquisa, mais esta se detém a aspectos individuais da realidade. Como pensar, então, a partir desta perspectiva, em uma objetividade na história?

Primeiramente, Rickert alerta que pensar a questão dos valores como um empecilho para uma objetividade na história seria o mesmo que tomar a objetividade científica nos moldes da ciência natural.

(...) en realidad, una cosa que no debemos desatender, a saber: una objetividad de *especie* peculiarísima la cual no parece que pueda sostener la *comparación* con la objetividad de las ciencias naturales generalizadoras (RICKERT, 1922, p. 140).

Para Rickert, uma exposição histórica, calcada na valoração teórica, nunca poderá satisfazer mais do que o grupo de homens que a valoram, o que torna a objetividade na História, “historicamente limitada”. Em todo caso, pensar a objetividade sob perspectivas filosóficas universais, ou naturalizantes, redundaria em um defeito científico.

Para não cair em tal armadilha conceitual⁷ e não tomar os *valores* como universalmente aceitos (ou reconhecidos)⁸, têm de se por em questão a sua validade e sua vigência. Nestes dois aspectos reside o problema da objetividade científica, e mais especificamente o da verdade científica.

(...) si se prescinde fundamentalmente de la validez y vigencia de los valores, no queda de *verdadero* en la historia mas que los *hechos puros*. Entonces los *conceptos* históricos todos valdrán sólo para un determinado tiempo, lo cual significa que no valen como verdades en general, puesto que no tiene relación alguna determinada con aquello que en *absoluto* o fuera del tiempo vale y rige (RICKERT, 1922, p. 141).

Entretanto, os conceitos formulados pelas ciências naturais também possuem uma validade determinada, isto é, só se mostram como verdade durante um tempo específico. Disso resulta que não se pode negar a cientificidade da História porque esta necessita constantemente de renovar seus resultados, uma vez que a dinâmica científica baseada no método naturalista, igualmente renova seus postulados quando estes não mais correspondem à verdade. O que nos leva à discussão da evolução científica, porém, este não constitui um problema para o método histórico, já que partimos do pressuposto de que o conceito histórico – isto é, aquele formado pelo trabalho científico singularizante – possui uma validade e uma vigência determinada.

Da mesma forma, novas abordagens geram novos problemas e novas respostas engrossam o volume de informações que possuímos sobre os objetos e, por vezes, negam os resultados anteriores, demonstrando o quanto a idéia de evolução científica encontra espaço no método histórico.⁹ Este, por fim, sempre contribuirá para uma maior compreensão dos objetos culturais, residindo nesse aspecto a objetividade da História enquanto ciência.

Conclui-se que a exposição histórica não possui relação alguma com a verdade absoluta, mesmo quando pensada uma história universal. A organização de um conhecimento histórico universal encontra nos valores uma barreira considerável para a questão da validade e da vigência dos conceitos por ele formulados. Em acordo com o

⁷ Ou seja, a de tomar a objetividade na ciência histórica como a entende as ciências naturais.

⁸ Igualmente, este ponto do pensamento rickertiano também se mostra como paradoxal em relação a alguns pressupostos estabelecidos anteriormente por ele. Na verdade, Rickert admite uma certa universalidade dos valores, mas somente no sentido em que o valor só possui validade quando valorado por todo grupo onde se observa a sua vigência.

⁹ Em oposição à evolução científica, coloca-se a questão do progresso científico. Não há, neste sentido, progresso para Rickert, pois este pressupõe uma valoração prática (juízo de valor) dos conceitos históricos entre si.

conceito de valor para Rickert, uma exposição histórica que visa uma validade universal necessita que todos os homens admitam como *valores* àqueles sobre os quais repousa a exposição. Pressuposto demasiado problemático para o pensamento rickertiano, cujo postulado prevê uma realidade incompreensível em sua totalidade.

Ademais, pensar em uma história universal relativa a valores põe em xeque a questão da História enquanto disciplina base das ciências culturais.

La vida histórica, empero, *no* puede reducirse a un *sistema* y por eso no cabe pensar, para las ciencias culturales, en tanto que proceden por método *histórico*, una ciencia que sea fundamental (RICKERT, 1922, p. 144).

O que não exclui a possibilidade das ciências históricas, com o tempo, chegarem a se compor de maneira universal.

Rickert afirma que o mesmo método que propicia o princípio diretor da conceituação pode também fornecer esta conexão unitária, com a ressalva de que para tal, necessitaríamos não só de um conceito *formal* de cultura, mas também um domínio do conteúdo e das conexões sistemáticas entre os valores. No que se refere à sua objetividade, à sua universalidade e à sua conexão sistemática, as ciências culturais dependem da elaboração de um conceito objetivo e sistematicamente organizado sobre o termo *cultura*.

Em suma: la unidad y objetividad de las ciencias culturales está condicionada por la unidad y *objetividad* de nuestro concepto de la cultura, y ésta, a su vez, por la unidad y *objetividad* de los *valores* que valoramos (RICKERT, 1922, p. 145).

Portanto, sob o prisma histórico-culturalista, afirma-se que o método histórico é mais amplo e compreensivo se comparado ao método naturalista. Não somente as ciências naturais são produtos da humanidade culta, mas a natureza, em seu sentido lógico-formal, não é mais do que um bem cultural teórico, uma conceituação válida, objetivamente valiosa, da realidade pelo intelecto humano.

Ademais, compreender a importância que o pensamento rickertiano atribui ao papel dos valores e dos conceitos no método histórico torna-se fundamental para não tomar certos postulados científicos apenas pelo prisma naturalista. Dessa forma, pensar na cientificidade, na objetividade e na verdade histórica significa principalmente redefinir todo entendimento acerca do conceito de ciência através do próprio método histórico. Do contrário, Rickert afirma:

Negar a la historia el carácter de una ciencia porque para separar o significativo de lo insignificante necesita establecer referencias a los valores culturales, parece um *dogmatismo negativo* y vacío (RICKERT, 1922, p. 150).

Considerações finais

Nas linhas anteriores, buscamos discutir alguns aspectos da obra de Heinrich Rickert, sobretudo, no que tange ao estabelecimento das condições específicas do conhecimento histórico.

Observamos em Rickert uma dualidade metodológica das ciências. Para o filósofo, natureza e história não poderiam ser tratadas com os mesmos métodos. Desta forma, a fundamentação do conhecimento histórico empreendida pelo autor rompe com a concepção monista de ciência – o que reflete também num rompimento com a unilateralidade de termos como “conceitos”, “ciência”, “valores” e “cultura”.

Na tentativa de problematizar alguns aspectos polêmicos da obra de Rickert, alertamos para a necessidade de uma leitura acurada de seu pensamento, que leve em conta a especificidade dos diferentes grupos de ciência e suas implicações no arcabouço conceitual forjado pelo filósofo alemão.

Referências bibliográficas

- DILTHEY, Wilhelm. O surgimento da hermenêutica (1900). In: _____. *Gesammelte Schriften*, v. 5, 2. Aulf., Stuttgart: B. G. Teubner; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1957, p. 317-338, (trad. Eduardo Gross)
- GADAMER, Hans-Georg. O problema da história na filosofia alemã mais recente. In: _____. *Verdade e Método II*, Petrópolis: Vozes, 2002, p. 37-49.
- MATA, Sérgio da. Heinrich Rickert e a fundamentação (axio)lógica do conhecimento histórico. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 22, n. 36, p. 347-367, jul/dez 2006.
- RICKERT, Heinrich. *Ciencia cultural y ciencia natural*, Madrid: Calpe, 1922.
- RICKERT, Heinrich. *Introduccion a los problemas de la filosofia de la Historia*, Buenos Aires: Editorial Nova, 1961
- WINDELBAND, Wilhelm. Historia y ciencia de la naturaleza. In: _____. *Preludios filosoficos*. Buenos Aires: Santiago Rueda, s/d, p. 311-328.